

ESCRITOS SOBRE MITO E LINGUAGEM

Silas GUTIERREZ*

BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin, tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Ed. 34, 2011. 173 p.

A obra apresenta uma coletânea de ensaios produzidos por Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892-1940) durante sua juventude,¹ entre 1915 e 1921, organizados por Jeanne Marie Gagnebin. Em uma abordagem fragmentária² e numa perspectiva metafísica (que demarcam a proposta benjaminiana), o autor discorre, logo no início, sobre dois poemas de Hölderlin intitulados “Coragem de poeta” e “Timidez”, resultando em uma leitura imanente, num movimento de formas de estilização que distingue e marca o enfrentamento de linguagem pelo autor.

Sua análise se funde em uma dinâmica que concatena e harmoniza linguagem, filosofia e história, deixando transparecer um amplo espectro analítico de incursões filosóficas e literárias em sua forma de analisar os poemas de Hölderlin. Para o autor (BENJAMIN, 2011 p. 43), o que permite a comparação entre os poemas não é a igualdade de um elemento, mas tão só a ligação numa função, no único princípio funcional que pode ser assinalado, isto é, poetificado.

Benjamim faz alusões ao princípio do poetificado, demonstrando, ao longo do primeiro ensaio, que esse estudo não leva à essência do mito, mas a ecos e ressonâncias míticas rescindidos de uma obra de arte concentrada em uma única essência mítica, sendo impossível delimitar seu significado ou concebê-lo de forma precisa.

Os itinerários pela lírica hölderliniana são entrecortados por rupturas, que revelam a apropriação de conceitos e ideias de autores da filologia alemã e francesa. O autor deixa transluzir que essas rupturas coexistem no interior de toda configuração linguística onde se situa o polo de enfrentamento entre o expresso/inexpressível e o exprimível/inexprimível.

* PUC – Pontifícia Universidade Católica. Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa. São Paulo – SP – Brasil. 05014-901 – frenazo@ig.com.br

¹ Fase de produção bibliográfica, ainda, pouco explorada.

² No sentido de despolarizar sua universalidade temática, refletindo e refratando sua imensa gama de incursões filosóficas.

Suas reflexões sobre linguagem como meio, *medium*, em oposição ao fronteiro e ao limitador, norteiam o ensaio intitulado “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” (1916), assinalando que há uma linguagem da escultura, da pintura, da poesia, e essas estão fundadas em outras.

Já no ensaio “*O idiota de Dostoiévski*” (1917), Benjamin (2011, p. 76) defende que se deve procurar apreender a identidade metafísica que tanto o elemento nacional quanto o humano assumem na ideia dostoievskiana de criação. Pois o romance de Dostoiévski, como toda obra de arte, possui um ideal *a priori*, carrega em si uma necessidade de existir, cabendo ao crítico evidenciar, justamente, essa necessidade e nenhuma outra.

Em “Sobre a pintura ou signo e mancha” (1917), ressalta-se a esfera do signo como polo que envolve inúmeras propriedades com distintas significações e aponta-se para a essência mítica existente no interior do signo e da mancha. Benjamin (2011, p. 85) elucida que o problema da imagem pictórica só se coloca para aquele que compreendeu a natureza da mancha no sentido mais estrito, mas que, justamente por isso, se surpreende ao encontrar no quadro uma composição que ele não pode remeter em última instância a uma dimensão gráfica; o autor conclui (BENJAMIN, 2011, p. 86) que a imagem pictórica, ao ser nomeada, é relacionada a alguma coisa que ela própria não é, ou seja, a algo que não é mancha.

Explora-se em “Destino e caráter” (1919) a prática interpretativa dos sentidos das palavras que estão fixadas em uma malha de representações socialmente determinada. Nesse ensaio, conceitos, domínios do saber e contextos digladiam-se com o intuito de desvendar o nexo de significação da linguagem em sua esfera de realização.

Semelhante tratamento dá-se em “Para a crítica da violência” (1921), ensaio em que se discute a palavra fundamentada ideológica e historicamente em relação a vários domínios. Nesse texto, problematiza-se a violência como um meio, parametrizada entre as esferas míticas e jurídicas, sendo vista como uma esfera dos próprios meios.

Em “A tarefa do tradutor” (1921) considera-se a traduzibilidade como realização expansiva de composições de linguagem, concorrendo o limite do traduzível com a pura originalidade artística, e observando que a obra de arte tem essência, forma e uma consonância cujo conteúdo fundamental, a originalidade, o tradutor deve dar conta. O elo entre o leitor e a obra se dá pela relação de sentidos; esse é o intangível que Benjamin expõe, por ter uma obra de arte um sentido autônomo, como o próprio autor aponta.

Cabe-nos, por fim, neste texto-resenha, mencionar que esse livro incita inúmeras indagações que sugerem novas pesquisas, pois, ao depararmos com os ensaios, defrontamo-nos com análises e comentários originais e produtivos, que provocam novas reflexões no campo da linguagem.

